

MENSAGEM DA SUIÇA

UMA INICIATIVA QUE DEVE AVANÇAR

Rubricou 3 cartas com o pseudónimo de "Francês de Alcochete", um nosso conterrâneo emigrado em Dijon, cartas essas que contêm propósitos dignos de apoio e aplauso.

Só não lhe dirigi de imediato uma MENSAGEM, porque no editorial de "O Portomosense" N.º 55 havia um apelo implícito e... (uma vez que o meu apoio, modesto sem dúvida, está assegurado desde a partida) seria preferível aguardar réplicas de outras vozes mais sonantes que a minha.

Julguei dever esperar pelo impacto de outras propostas oriundas da comunidade emigrante portomosense. Mas chegou o momento de emitir um breve desabafo:— a grande maioria dos nossos emigrantes continua a apostar em minúsculos projectos individuais. Senão, vejamos:

— Quem não conhece o exemplo da COOPERATIVA TAUROMÁQUICA PORTOMOSENSE? Havendo vários emigrantes entre os fundadores, quantos mais compraram títulos, sabendo tratar-se de um projecto colectivo—CAPAZ DE GERAR LUCROS—a longo prazo?

Muito poderia explanar sobre o assunto, até porque estou pessoalmente empenhado nesse projecto— QUE, ASSEGURO-VOS, NÃO MORRERÁ— mas o momento não pode ser desencorajante, antes pelo contrário: esta mensagem tem como objectivo estimular o avanço da iniciativa em curso.

Assim, quanto às louváveis "modalidades de cooperativismo económico... de manifesta rentabilidade" (para utilizar a terminologia expressa na 3.ª carta), continuo a considerá-las manifestamente mais interessantes do que certas experiências que é comum verificarem-se:

— Um emigrante que retorne, decidido a viver dos juros de 2 ou 3 milhares de contos que amealhou num banco.

— Outro emigrante, que era pedreiro, mas regressa apostado em explorar um "café" na sua aldeia.

— Outro ainda, que compra um táxi, sem jamais ter sido taxista...

Poderia citar centenas de exemplos, sem que na minha intenção residam quaisquer sentimentos capazes de ferir susceptibilidades, mas não me restam dúvidas quanto à razão de ser da hostilidade de muitos emigrantes, face a projectos colectivos:— a desconfiança!

Como vencer essa barreira?

Partindo do pressuposto de que nada é fácil, julgo que uma COOPERATIVA DE EMIGRANTES PORTOMOSENSES (o título é apenas simbólico), deveria revestir-se de tamanha maleabilidade que permitisse aos seus sócios enveredarem por diferentes ramos do comércio ou da indústria, cabendo à COOPERATIVA ou CASA do EMIGRANTE, uma função essencialmente consultiva, informativa, esclarecedora, apoiante... em sintonia e respeito para com as aptidões e propósitos de cada membro.

Melhor dizendo, a Cooperativa seria um órgão conselheiro, gerido por emigrantes; estes, ao retornarem, eram convenientemente ilu-

sendo-lhes também facultada a possibilidade de inserção em sociedades animadas pela própria Cooperativa.

Julgo ainda, que uma reunião preparatória, reunindo um primeiro punhado de boas-vontades (talvez em França), seria de elementar importância quanto à definição dos princípios que nortearão o encontro previsto para o próximo Verão, em Porto de Mos.

Embora nas próximas férias de Verão eu não conte ir a Portugal, apresso-me no entanto a aplaudir desde já todos os participantes no encontro previsto para Porto de Mós.

Ofereço também a minha disponibilidade para a reunião preparatória em França (caso a julguem necessária).

Que os emigrantes portomosenses se organizem— pois não serão os primeiros a fazê-lo— é o que muito sinceramente espero e desejo.

J. S. Faustino Ângelo

TRADIÇÃO DA CULTURA POPULAR (4)

Quando entendemos fazer uma recolha sobre fatos de homem, depara-se-nos uma grande dificuldade. Os fatos de trabalho, depois de muito remendados e passajados, são de difícil conservação e muito poucos chegaram aos nossos dias, e o dito "fato melhor" que, por vezes, só era mandado fazer quando do casamento, vinha a servir também de mortalha. Daí o não terem chegado até hoje em tão grande quantidade como os de mulher, e também porque a mulher tinha mais variedade, porque os materiais eram mais baratos e também porque muitas vezes era ela própria que os costurava, portanto aí também era mais barato. Na recolha de vestuário feminino aparecem peças soltas, ou seja blusas ou casaquinhas e não aparecem as saias correspondentes ou vice-versa. Julgamos ter já dito o suficiente no que se refere à recolha e vamos passar a outro assunto, não menos importante, e que dá pelo nome de RECONSTITUIÇÃO. Aqui, outros problemas nos vão aparecer, mas talvez a nossa experiência seja realmente mais própria, pois acreditamos que recorreremos a todos os estratagemas para se poupar, porque dinheiro não abunda e o importante é conhecer bem a maneira de ser do grupo, o seu aspecto físico, a sua idade, enfim, pormenores que vão influir de um modo

 Capaz, Lda.

TIPOGRAFIA

ELECTRODO